

## O papel das Organizações de Cooperação em Defesa na Crise do Afeganistão

*Lucas Mendes Costa<sup>1</sup>*

*Vinicius Modolo Teixeira<sup>2</sup>*

### **Resumo**

Esse trabalho tem como objetivo discutir o papel das Organizações de Cooperação em Defesa na recém deflagrada crise do Afeganistão. Nesse sentido, deveremos abordar como a ocupação militar dos EUA e seus aliados da OTAN resultou em um fracasso militar após vinte anos, que agora passa a requerer da OCX e OTSC medidas para que a crise não se amplie pela região central da Ásia, além de inserir Turquia e Qatar como atores influentes junto ao governo Talibã. De modo a construir essa análise, procuramos reunir referências bibliográficas da geopolítica e materiais oriundos de sítios de notícia, buscando informações e declarações de representantes dos países membros dessas organizações.

**Palavras-Chave:** Afeganistão, Organizações de Cooperação em Defesa, Geopolítica.

### **Abstract**

This paper aims to discuss the role of the Organizations of Defense Cooperation in the recently unleashed crisis in Afghanistan. In this sense, we should address how the military occupation of the US and its NATO allies resulted in a military failure after twenty years, which now requires measures from the SCO and CSTO so that the crisis does not extend to Central Asia, in addition to insert Turkey and Qatar as influential actors within the Taliban government. In order to build this analysis, we sought to gather bibliographical references on geopolitics and materials from news sites, looking for information and statements from representatives of the member countries of these organizations.

**Keywords:** Afghanistan, Defense Cooperation Organizations, Geopolitics.

### **Resumen**

Este documento tiene como objetivo discutir el papel de las Organizaciones de Cooperación para la Defensa en la reciente crisis en Afganistán. En este sentido, hay que abordar cómo la ocupación militar de Estados Unidos y sus aliados de la OTAN resultó en un fracaso militar después de veinte años, lo que ahora requiere medidas OCX y OTSC para que la crisis no se extienda a Asia Central, además de insertar Turquía y Qatar como actores influyentes dentro del gobierno talibán. Para construir este análisis, se buscó recopilar referencias bibliográficas sobre geopolítica y materiales de sitios de noticias, buscando información y testimonios de representantes de países miembros de estas organizaciones.

**Palabras Clave:** Afganistán, Organizaciones de Cooperación para la Defensa, Geopolítica.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Mato Grosso.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso e do Curso de Licenciatura em Geografia da UNEMAT-Sinop.

## Introdução

Desde que foi recolocado como alvo das superpotências em 2001, o Afeganistão se constituiu como problema insolúvel para os EUA em sua campanha de Guerra ao Terror, tendo os fatos de agosto de 2021, revelado o fracasso de sua política intervencionista no país que durou 20 anos. Ao se retirar do Afeganistão, os EUA e seus aliados da OTAN expõe ainda uma intrincada disputa que não está à vista de todos, porém, com um olhar mais atento, pode ser percebida como parte do jogo que se estabeleceu nas últimas décadas de reconfiguração do cenário internacional, que se convencionou chamar de Nova Ordem Mundial.

Ao abordarmos a questão do Afeganistão pela luz dos interesses das Organizações de Cooperação em Defesa (OCD's), apontamos que o Afeganistão é o mais recente território a ser colocado em disputa direta pelas três principais OCD's da Eurásia, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) e a Organização de Cooperação de Xangai (OSX).

Dessa maneira, nesse trabalho buscaremos abordar as principais questões que se estabelecem entre essas organizações e como a rivalidade entre elas se materializou no Afeganistão, bem como isso se configura para compreendermos o atual momento da geopolítica mundial. Tendo como foco o momento da retirada das tropas estadunidenses do território afegão, nossa abordagem deve privilegiar os interesses que as OCD's citadas mantêm sobre esse país, bem como interesses particulares de algumas nações, como Índia, Qatar, Paquistão e Turquia, que, apesar de estarem inseridas em nessas organizações, além de outras alianças, tem no Afeganistão um atrativo para suas estratégias regionais. como parte de um processo de disputa entre as potências mundiais que deve se prolongar ao longo do século XXI.

Na primeira seção abordaremos a inserção da OTAN no Afeganistão, alicerçada pela intervenção dos EUA a partir de 2001, e de como isso se configurou para essa organização, já que passou a agir fora de sua área de interesse imediato. Na segunda seção abordaremos as relações da Organização de Cooperação de Xangai e Organização do Tratado de Segurança Coletivo com os movimentos surgidos no interior da Eurásia, tendo atenção aos territórios circundantes ao Afeganistão. Após, apresentaremos as relações particulares envolvendo Turquia e Qatar, e as questões envolvendo as organizações das quais fazem parte como

responsáveis por suas ações no Afeganistão. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais, com as expectativas a respeito do futuro do país e das atividades das OCD's nessa região do continente eurasiático.

### **A OTAN e a missão no Afeganistão**

A Organização do Tratado do Atlântico Norte foi criada em 1949 sob a égide da geoestratégia estadunidense que a partir daquele momento buscava estabelecer Organizações de Cooperação em Defesa em suas principais áreas de influência, atrelando os países aliados em acordos de defesa coletiva e proteção mútua contra inimigos externos. Nesse caso, a OTAN é a segunda OCD criada pelos EUA, logo após terem selado um amplo acordo de proteção hemisférica no continente americano por meio do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) de 1947. A OTAN se caracterizou como o símbolo de poder militar dos países capitalistas durante a Guerra Fria, antagonizando com o Pacto de Varsóvia o período da bipolaridade e ameaça de guerra nuclear.

Após o fim da Guerra Fria e do estabelecimento de acordos verbais não cumpridos com a falimentar União Soviética, a OTAN iniciou sua expansão rumo ao leste europeu, antiga área de influência soviética (TEIXEIRA, 2020a). De um foco centrado nas relações entre os EUA e países da Europa ocidental, a OTAN passou nas últimas décadas a adentrar cada vez mais o leste europeu e se distanciar das operações no Atlântico Norte.

Além de suas ações ampliadas no interior da Europa, os países membros da OTAN se envolveram em missões de intervenção, combate ao terrorismo e treinamento militar na Somália (2009-2016), Líbia (2011) e Iraque (2018-presente) (NATO, 2021a). Contudo, a primeira missão do tipo, e a mais duradoura, se deu no Afeganistão, a partir de 2003, na esteira da intervenção dos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001, liderando o mandato da ONU na missão *Security Assistance Force* (ISAF). Essa missão que durou de 2003 até 2014, alterou seu papel em janeiro de 2015 tornando-se uma missão de treinamento militar das forças afegãs, sob o nome de *Resolute Support Mission* (RSM), perdurando até a saída de seus membros em 2021. Efetivamente, os países membros dessa organização que haviam tomado parte dessa missão, Alemanha, Itália e Turquia, além do EUA, eram responsáveis pelo treinamento e suporte das forças afegãs em diferentes regiões,

colaborando com essas forças na manutenção do controle desses territórios (NATO, 2021b).

A presença da OTAN no Afeganistão, que havia sido programada para ter continuidade até 2024, foi reconsiderada após os acordos firmados entre o presidente dos EUA, Donald Trump, e representantes do grupo Talibã em fevereiro de 2020 no Qatar (OLMO, 2021), e encerrada definitivamente em agosto de 2021 (NATO, 2021b). Ao final de sua missão no país, a *Resolute Support Mission* apresentava-se dividida entre os seus membros participantes como mostra o Mapa 1.

**Mapa 1: NATO Resolute Support Mission in Afghanistan**



Fonte: (NATO, 2021b).

A retirada das forças da OTAN, seguida da retomada do país pelas forças do grupo Talibã após vinte anos de ocupação, pode ser compreendida como um fracasso retumbante da organização, que falhou sucessivamente nas missões de estabilização e treinamento das forças afegãs, simbolizada pela tomada da capital em um tempo muito inferior ao que a inteligência estadunidense previa. Também foi demonstrado a total incapacidade das forças armadas afegãs, treinadas e equipadas pelos EUA e

OTAN durante anos, ao custo de 83 bilhões de dólares, e que ao se deparar com as forças Talibãs, abandonaram a luta e uma grande quantidade de equipamentos nas mãos do grupo (SHAMS, 2021).

Após de ter se envolvido em uma operação militar muito além do território estabelecido nas origens dessa organização, a retirada desorganizada da OTAN da região centro asiática favorece em um primeiro momento a China e Rússia, bem como a organizações que esses países lideram. Além disso, essa crise também serve de alerta quanto ao modelo de operação que essa organização desenvolveu ao longo das últimas décadas, demonstrando a incapacidade de suas forças construírem um governo sólido aos moldes ocidentais no país asiático ocupado, ancorado apenas na força militar dos países envolvidos, sem compreender efetivamente os interesses locais, a diversidade étnica e seu histórico cultural.

### **O Pacto de Xangai e a OTSC frente ao problema afegão**

A retirada dos EUA e seus aliados da OTAN do Afeganistão abre espaço para um novo período em que serão testados outros dois mecanismos de cooperação em defesa eurasiáticos: a OTSC e o Pacto de Xangai. Essas duas organizações foram criadas a partir dos anos 1990 como reação ao expansionismo da OTAN para áreas fora de sua delimitação inicial, de modo a assegurar a influência de Rússia e China em seus respectivos entornos estratégicos. Os mais recentes documentos oficiais da Rússia em relação a política externa, segundo Picolli et al (2018), apontam preocupação em relação à continua expansão da OTAN, ao passo que demonstram entusiasmo pelos mecanismos de cooperação no espaço pós-soviético e eurasiático.

Desse modo como reação aos movimentos da OTAN rumo ao leste europeu a Rússia, buscou reorganizar seus aliados por meio da Organização do Tratado de Segurança Coletivo, idealizado em 1992 e formalizado em 2002, e de relações de segurança e defesa ainda mais profundas com a Bielorrússia. Ainda assim, a Rússia experimentou dos conflitos em suas fronteiras, sendo o primeiro em 2008, na Guerra da Geórgia, e depois em 2014, na Guerra Civil da Ucrânia, e que ainda persiste nos territórios contíguos a Rússia. Ambos os conflitos tem estreita relação com a expansão da OTAN e as tentativas da Geórgia e Ucrânia de se aproximar dessa organização, reacendendo movimentos separatistas patrocinados pela Rússia, além de

movimentos de troca de regime orientados pelo ocidente (TEIXEIRA, 2018), como apontam abertamente documentos oficiais da Rússia (PICOLLI et al, 2018).

Já o Pacto de Xangai, ou como é formalmente conhecido, a Organização de Cooperação de Xangai (OCX), criado em 1996, foi uma iniciativa chinesa, pensada inicialmente para solucionar disputas fronteiriças entre a China e seus vizinhos da Ásia Central, com a Rússia como principal aliado e fiador junto a antigas repúblicas soviéticas. Segundo Wu (2005), os princípios desse grupo, inicialmente chamado de *Shanghai Five*, era fortalecer a confiança entre seus membros, a partir do desarmamento de suas fronteiras comuns e desenvolver a cooperação em áreas de segurança.

No início do novo século, a OCX foi efetivamente transformada em uma organização, 2002, com a assinatura da carta de criação pelos membros fundadores, na qual se estabeleciam os princípios para a cooperação e desenvolvimento em um cenário internacional multipolar, o que incluía também a cooperação econômica e a cooperação militar (SCO, 2001). Com relação a essa última, as atividades foram organizadas sob o eufemismo de “exercícios de segurança”, visando combater o que a OCX considera como “os três males” que afetam sua região: o terrorismo, o separatismo e o extremismo.

Além de sua função cooperativa, o Pacto de Xangai representa a manifestação de um novo cenário da geopolítica mundial. Tal como a OTSC, essa organização considerava a expansão da OTAN e sua inserção em suas regiões fronteiriças como uma ameaça à sua segurança, sendo as respectivas criações uma clara reação a esse movimento da aliança atlântica. A associação de China e Rússia para juntos organizarem suas ações na Ásia Central passou a preocupar analistas ocidentais, os quais observaram isso como uma resposta anti-ocidental ou um “Pacto Anti-OTAN”, com objetivo de combater a crescente presença dos EUA nesses territórios (ARIS, 2009).

Enquanto o acesso do Afeganistão à OTSC nunca tenha sido alvo de discussões, dado o foco da organização em ex-repúblicas soviéticas, as relações do país com a Organização de Cooperação de Xangai remetem ao ano de 2005, quando assinou os primeiros protocolos de entendimento. Já em 2012, o Afeganistão se tornou um membro observador da organização. Nos anos seguintes, a partir de 2016, o país fez repetidas solicitações de ingresso como membro pleno, porém, todas elas

recusadas (KHALIL, 2021). A negativa de ingresso do país à OCX deve-se as questões internas, que mesmo quando vivia uma relativa estabilidade, nunca forneceu segurança de que conseguiria cumprir as condições de membro. Podemos listar como problemas para seu ingresso, a continuada presença de tropas da OTAN em seu território; os conflitos de interesse com o Paquistão, que mantinha relações com o grupo Talibã; e a falta de controle efetivo sobre seu território e forças armadas, que não habilitavam o governo a pleitear uma posição de membro da OCX.

Desde que a retirada dos EUA foi anunciada, o futuro do Afeganistão enquanto Estado independente gerou expectativa dos membros do Pacto de Xangai. A situação no país, inclusive, dominou os debates do 20º encontro da organização, realizado no Tadjiquistão, em julho de 2021, um mês antes da queda de Cabul. Nesse encontro, segundo aponta Laskar (2021), o ministro das relações exteriores da Índia conclamou os demais membros do bloco a agir contra o extremismo e terrorismo no Afeganistão, face a visível deterioração das condições de governança no país.

Após o rápido avanço das forças talibãs, chegando as portas de Cabul em poucos dias, contrariando as expectativas dos EUA e seus aliados, a queda do governo afegão abriu caminho para uma crise humanitária. Nesse sentido, a China reagiu prontamente no sentido de estabelecer relações com o grupo Talibã, visando apoiar uma solução pacífica para a crise que se instaurou na mudança de governo, bem como estabilizar o mais brevemente a região. Já os demais membros do Pacto de Xangai devem partilhar essa responsabilidade, ao mesmo tempo em que devem lidar de maneiras diferentes com a questão afegã.

O território do Afeganistão é cercado pelo Irã, Paquistão, e pelas antigas Repúblicas Soviéticas do Turcomenistão, Uzbequistão e Tadjiquistão, além de uma pequena fronteira de cerca de 76 quilômetros com a China. Desses, somente o Irã não é membro pleno da OCX, participando do grupo como observador. Dentre todas as fronteiras, a mais permeável em termos de fluxos humanos é, desde os tempos da invasão soviética, a com o Paquistão.

Esse país, que além de pertencer à OCX também é considerado Aliado Extra-OTAN dos EUA desde 2004, deve ter um dos principais papéis nas relações com o novo governo. Mesmo tendo fornecido apoio aos EUA na ocupação de seu vizinho ao longo dos últimos vinte anos, o Paquistão, aparentemente, fez um jogo duplo, fornecendo guarida aos membros do Talibã em territórios fronteiriços, onde se

localizam comunidades de origem Pashtun, dividida entre os dois países. As relações do Paquistão com grupos afegãos remetem ao período da invasão soviética do Afeganistão, quando os *mujahedin* que lutavam contra o Exército Vermelho recebiam o apoio da CIA via forças paquistanesas. Essas relações continuaram após a retirada soviética e é sabido que o serviço secreto paquistanês (ISI) apoiou o Talibã ao longo de toda a sua existência (MILLER, 2021).

A Índia é outro membro da OCX que, apesar de não manter uma fronteira com o Afeganistão, tentou se aproximar de seu governo nos últimos anos, fornecendo helicópteros de ataque e treinamento para seus militares (SIPRI, 2021), na esperança de que o país se sustentasse sem ajuda militar do ocidente. No entanto, a queda desse regime e o apoio direto do Paquistão ao Talibã, expõe diferentes interesses desses membros do Pacto de Xangai.

A incorporação da Índia e Paquistão como membros efetivos da organização em 2017, se deu em um movimento orquestrado por Rússia e China para atrair esses países, inimigos declarados e detentores de armas nucleares, para um ambiente institucionalizado de diálogo e cooperação (TEIXEIRA, 2020a). Enquanto a Rússia deu suporte à Índia, país com o qual mantém extensas relações de cooperação militar, a China aprovou a entrada do Paquistão, com o qual também tem ampliado a cooperação em defesa.

Com a saída dos EUA, a posição de Aliado Extra-OTAN do Paquistão deverá deixar de ter importância, podendo inclusive ser revogada, já que há intenções nesse sentido no congresso estadunidense, o que conseqüentemente reforçará a posição chinesa na parceria sino-paquistanesa. Por seu turno, a Índia tem ampliado as relações com EUA na área militar, com a compra de diversos materiais de defesa desde o primeiro governo de Barack Obama, o qual declarou apoio ao ingresso da Índia no Conselho de Segurança da ONU, no caso de sua ampliação (STOLBERG; YARDLEY, 2010). O desembarque dos EUA de uma relação mais próxima com o Paquistão, cambiando seu apoio na região para as relações com a Índia, tem como objetivo contrapor a influência chinesa ao mesmo tempo que disputa com a Rússia o mercado indiano de produtos de defesa, que deve se manter como um dos principais compradores de armas nas próximas décadas.

Já a Rússia assume parte das responsabilidades da fronteira de 2387km que as antigas repúblicas soviéticas do Turcomenistão, Uzbequistão e Tadjiquistão

mantém com o Afeganistão. Oficialmente o governo russo mantém o Talibã na lista de grupos considerados terroristas, o que a princípio deve impor dificuldades para estabelecer relações diplomáticas mais profundas. Anteriormente, a Rússia mantinha relações com o governo instituído pelos EUA, inclusive sendo um dos principais fornecedores de equipamentos militares para os afegãos, segundo a SIPRI (2021).

Segundo as declarações do enviado russo para o Afeganistão, Zamir Kabulov, “A Rússia não teme que o Afeganistão se transforme em um Estado islâmico terrorista, mas não se apressará em reconhecer o Talibã.” (BONET, 2021). Essa posição, apontando para um inimigo comum aos dois países, pode favorecer a aproximação entre seus governos, ainda que isso possa levar algum tempo. Enquanto isso, Moscou deve buscar junto aos seus aliados da Ásia Central garantir sua segurança, impedindo o surgimento de movimentos insuflados pelo sucesso talibã.

Nesse sentido, as ações que serão desenvolvidas pela Rússia deverão se dividir em duas frentes. A primeira, por meios diplomáticos, deverá ser encaminhada pela OCX, tornando o posicionamento da organização mais uniforme. A segunda, uma posição de força, deverá ser viabilizada pela OTSC, atuando junto ao Tadjiquistão e Uzbequistão, os quais também são membros dessa organização.

A ação militar aponta no sentido de preparação para conter grupos extremistas que possam partir da fronteira afegã, aproveitando-se da falta de controle efetivo dessas áreas pelo novo governo do país. Nesse sentido, a presença de militares russo para apoiar seus aliados deve ser realizada junto com exercícios militares nesses territórios. Entre 5 e 10 de agosto de 2021, o ministro de defesa russo Serguei Choigu apontou que 1500 militares russo, tadjiques e uzbeques realizaram manobras de reconhecimento e combate a guerrilhas e forças terroristas, a cerca de 20 quilômetros da fronteira do Afeganistão (TASS, 2021). Já entre 11 e 25 de setembro de 2021, a Rússia deve realizar manobras militares com os demais membros do Pacto de Xangai, na chamada Peace Mission 2021, com foco no combate a movimentos extremistas (BOCHKOV, 2021).

Já a China, como comentado, tem interesse na estabilidade regional para o desenvolvimento de seus projetos comerciais e cooperativos, além de garantir a segurança de suas fronteiras. O ponto de contato entre a China e o Afeganistão se dá pela província de Xinjiang, na qual há o receio de que movimentos extremistas uigures possam se sentir fortalecidos pela resistência talibã. Desde 2009 o governo chinês

ampliou a vigilância e seu aparato de repressão, quando uma série de atos que deixaram mais de 200 mortos eclodiu nessa região etnicamente diversa e periférica da China (BEAUCHAMP-MUSTAFAGA,2019).

Assim, se por um lado a retirada das forças da OTAN do Afeganistão seja algo bem vindo para os chineses, o futuro ainda incerto do país e o recém estabelecido governo talibã deve lhes impor o reforço da segurança de sua fronteira e monitoramento de grupos internos. Desde 2019 os chineses anteviam a crescente importância do Talibã no Afeganistão, mantendo relações diplomáticas com o grupo (G1, 2021), à medida que os EUA e seus aliados diminuam sua presença e o governo instituído no país não apresentava condições de se contrapor as forças talibãs. Mesmo sem o reconhecimento formal do novo governo, a China admite que o grupo deverá ter papel fundamental na reconstrução e paz do Afeganistão. Segundo o ministro das relações exteriores chinês, o mundo deveria apoiar o Afeganistão ao invés de pressioná-lo (REUTERS, 2021).

Por parte da China, o suporte ao Afeganistão, para o desenvolvimento de sua economia e estabilização do país, deve ser feito com apoio a construção de infraestrutura no país, o que deve estar ligado aos planos chineses da “Nova Rota Da Seda” (*Belt and Road Initiative*). O território do Afeganistão que até recentemente aparecia como espaço vazio nos mapas divulgados com os planos chineses de novos corredores, apesar terem projetos para ele, agora pode ser considerado como uma opção real para estruturas que se conectem aos países vizinhos, sem que haja interferência dos EUA na tomada de decisão afegã. A integração econômica é vital para a sustentabilidade de um governo afegão, e os membros da OCX tem as condições para que isso seja feito.

Amanullah Ghalib, ex-Vice-Ministro de Energia, disse que “o objetivo do governo afegão no setor de energia é transformar o Estado em um centro de energia e fibra óptica. O objetivo é fazer do Afeganistão uma ponte terrestre entre a Ásia Central e o Sul da Ásia por meio de ligações de energia” (SAFI; ALIZADA, 2018, p.16) Uma iniciativa já em construção é o gasoduto TAPI (Turcomenistão–Afeganistão–Paquistão–Índia), antigo projeto datado dos anos 1990 e somente iniciado em 2018. Outro projeto em andamento é o CASA 1000 (*Central Asia-South Asia Power Project*) que deve levar energia do Quirquistão e Tadjiquistão para Afeganistão e Paquistão, esperado para concluir-se em 2023. Em relação aos meios de transporte, a “Five

*Nations Railway Corridor*” que foi pensada para conectar o leste do Irã, o Afeganistão, Tadjiquistão, Quirquistão, até atingir o território chinês, diretamente suportado por esse governo, já que se conecta à iniciativa da Nova Rota da Seda (SAFI; ALIZADA, 2018).

Esses projetos e outros, por hora, estão paralisados pela tensão que tomou o Afeganistão e só devem ser retomados quando a segurança e garantias aos investidores internacionais puderem ser honradas pelo novo governo. Nesse sentido, a China deverá ter papel importante, atuando na orientação dessas atividades, bem como na modernização das linhas de comunicação interna do país. Deve-se ressaltar que os projetos citados foram feitos com o aval do Talibã, quando ainda era uma força de oposição ao governo constituído. Assim, a concretização dessas conexões lhe interessa, garantindo a inserção internacional do país e sua consequente legitimação.

Ao realizar uma aproximação cuidadosa com o novo governo que deve se formar no Afeganistão, a China atua de maneira sensata e diplomática, ao invés de colocar tropas no solo do país para garantir seus interesses. Assim, o país deve garantir sua segurança, com a possibilidade de garantir acesso às matérias primas e rotas comerciais, caso se estabeleçam relações harmoniosas, ao mesmo tempo que deve negociar que o novo governo afegão assumira posições menos extremistas para os olhos do mundo.

### **Turquia e Qatar como os outros atores**

Outros dois países que devem estar conectados ao momento que vive o Afeganistão são Turquia e Qatar. Esses dois países mantiveram sua posição de contato com o país, atuando na mudança de governo ocorrida em agosto de 2021, em consonância com seus interesses e o novo papel que estão dispostos a buscar na região eurásia e oriente médio.

A Turquia, que é membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte, teve suas relações com a organização e os EUA estremecidas após a tentativa de golpe militar em 2016, e a aquisição dos sistemas de defesa antiaéreo S-400 russo, que é incompatível com os equipamentos da OTAN (TEIXEIRA, 2020b). O governo de Recep Tayyip Erdogan claramente busca reposicionar a Turquia como país influente na região, mesmo que isso seja feito em contrariedade a posições dos EUA e outros aliados europeus.

A crescente influência turca na região já é visível desde a década passada, quando tentou intermediar o acordo nuclear com o Irã, ampliando também a cooperação com o Paquistão, inclusive na área de defesa. Tendo participado das operações da OTAN no Afeganistão no antigo governo, a Turquia se manteve ligada ao país após sua queda, já que os talibãs ofereceram aos turcos o controle do aeroporto de Cabul e outras facilidades, elegendo o país como parceiro para manutenção de suas relações com o mundo exterior. O governo turco deve aproveitar essa condição para exportar seus produtos de consumo, substituindo fornecedores ocidentais, assim como inserir suas empresas para reconstruir as instalações do país (MACGILLVRAY, 2021)

Ainda mais distinto é o papel do Qatar no novo momento do Afeganistão. O país do golfo pérsico e que participa de uma Organização de Cooperação em Defesa, o Conselho De Cooperação Golfo (CCG), também teve suas relações com os aliados dessa OCD estremecida em 2017, sob a alegação de patrocinar atividades terroristas. Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, além do Egito, romperam relações com o Qatar após afirmarem que o país apoiava grupos como Estado Islâmico, Irmandade Muçulmana, Al Qaeda e mantinha proximidade com o Irã e grupos apoiados por ele (WINTOUR, 2017). Contudo, essa situação, certamente, serviu como mais um impulso para que o Qatar busque uma posição de influência na região e independente dos seus vizinhos (HASSAN, 2017). Após quatro anos de rompimento, com efeitos significativos sobre a economia do Qatar, esses países restabeleceram as relações diplomáticas em 2021, momento em que o emirado é apontado como principal apoiador do Talibã.

Como comentado, a reunião que selou o destino do Afeganistão, entre o presidente Donald Trump e o representante do grupo Talibã, Abdul Ghani Baradar, foi realizada em Doha, no Qatar, onde o Talibã se estabeleceu para negociar seu papel no Afeganistão. A escolha do Qatar foi feita com o aval dos EUA, ainda no governo de Barack Obama, em 2013, e desde aquele momento foram estabelecidos contatos com o grupo, tendo em vista a retirada das tropas dos EUA, buscando uma solução política para o Afeganistão, já que a vitória militar havia sido descartada. Segundo Guido Steinberg, o Qatar busca se apresentar como mediador político na região, rompendo com a dependência da Arábia Saudita que havia nas décadas de 1970 e 1980 (HODALI, 2021).

A atuação em prol do grupo Talibã, além da mediação política, também se deu por meio da organização dos voos de retirada de refugiados após a queda do governo oficial e fornecimento de bases para pouso de aeronaves dos EUA em rota para o Afeganistão. Em conjunto com a Turquia, o emirado do Qatar deve buscar fechar um acordo com o novo governo para operar o aeroporto de Cabul, o que segundo Andrew Korybko (2021), deve transformar esses dois países nos principais elos de comunicação entre o Talibã e a comunidade internacional.

O reposicionamento geopolítico de Turquia e Qatar é reflexo das políticas internas das Organizações de Cooperação em Defesa da qual fazem parte. O recuo da OTAN na sua empreitada no coração da Ásia, conjugada com a crise aberta entre os EUA e a Turquia nos anos anteriores, mais a posição punitiva dos membros do CCG contra o Qatar, lançaram esses dois países na busca pelo seu posicionamento da Ásia, sendo que a crise do Afeganistão é um bom teste para que ambos avaliem o alcance de suas novas políticas e influência.

### **Considerações Finais**

A crise instaurada no Afeganistão após a retirada das tropas dos EUA e seus aliados da OTAN, com a consequente queda do governo oficial para as forças do grupo Talibã, representa um marco histórico ainda difícil de mensurar, porém, que certamente estará dentre os principais fatos geopolíticos do século XXI, representando a derrota militar da super potência estadunidense após vinte anos de guerra e ocupação do território afegão.

O papel das Organizações de Cooperação em Defesa nesse cenário é inegável. Após se unir aos esforços dos EUA de “Guerra ao Terror” promovidos após os atentados de 11 de setembro, a OTAN se estabeleceu no Afeganistão, um território muito além de sua zona de interesse imediato, situado no Atlântico Norte. Além de executar uma expansão de novos aliados no leste europeu, países bálticos e balcãs, suas atividades militares no centro da Ásia se tornaram um incômodo para os interesses russos e chineses. A reação desses dois países foi na direção de estabelecer suas próprias organizações orientadas para cooperação em defesa, fortalecendo o seu entorno estratégico imediato e enviando um sinal aos países ocidentais de que também tinham condições de se organizar em moldes semelhantes.

Com a retirada da OTAN do Afeganistão, as organizações lideradas por China e Rússia, respectivamente, a Organização de Cooperação de Xangai e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, devem exercer um importante papel de estabilização do país, oferecendo condições de cooperação para o novo governo, requerendo em troca, o compromisso com princípios internacionais pelo Talibã. No caso da OCX, o Paquistão será naturalmente seu principal agente de inserção junto ao grupo para construção desses princípios.

Nesse mesmo cenário, Turquia e Qatar, membros da OTAN e do Conselho de Cooperação do Golfo, após serem escanteados pelos demais aliados dessas organizações, passaram a buscar de maneira independente ampliar sua influência em questões regionais, com o Afeganistão podendo se transformar na vitrine dessa capacidade, com os dois países trabalhando em conjunto para esse objetivo.

A reconstrução de um país que viveu sob ocupação militar dos EUA e que antes mesmo da recente crise encontrava dificuldades para angariar investimentos e convencer seus vizinhos da viabilidade de projetos, tem o futuro em aberto. O novo governo do Afeganistão tem como primeiro desafio se mostrar confiável para as parcerias com as Organizações de Cooperação em Defesa que o cercam. Ao mesmo tempo, China, Rússia, Turquia e Qatar deverão se atentar aos movimentos internos do Afeganistão, buscando demonstrar suas capacidades de exercer influência sem o uso da força militar, já que essa opção se mostrou incapaz de solucionar as questões que se materializam naquele país.

## Referências

ARIS, Stephen. "The Shanghai Cooperation Organization: 'Tackling the Three Evils'. A Regional Response to Non-Traditional Security Challenges or an Anti-Western Bloc?" **Europe-Asia Studies**, vol. 61, n. 3, May, 2009.

BEAUCHAMP-MUSTAFAGA. Nathan. Bearing Witness 10 Years On: The July 2009 Riots in Xinjiang. **The Diplomat**, 29 de julho de 2019. Disponível em: <https://thediplomat.com/2019/07/bearing-witness-10-years-on-the-july-2009-riots-in-xinjiang/>. Acesso em 29 de agosto de 2021.

BOCHKOV, Danil. China, Russia have aligned interest to facilitate SCO role for Afghanistan. **Global Times**, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202107/1229697.shtml>. Acesso em 22 de agosto de 2021.

BONET, Pilar. Rússia aposta em domesticar o Talibã no Afeganistão. **El país**, 17 de agosto de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-08-17/russia-aposta-em-domesticar-o-taliba-no-afeganistao.html>. Acesso em 2 de setembro de 2021.

G1. China diz que deseja 'relações amistosas' com os talibãs; Rússia diz que vai aguardar ações para decidir como será a relação. **G1**, 16 de agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/16/china-deseja-relacoes-amistosas-com-os-talibas.ghtml>. Acesso em 19 de agosto de 2021.

HASSAN, Islan. Qatar Pursues an Independent Foreign Policy that Clashes with the Saudi's Strategic Interests. **Eurasia Diary**, 06 de novembro de 2017. Disponível em: <https://ednews.net/en/news/interview/148776-qatar-pursues-an-independent-foreign-policy-that-clashes-with-the-saudis-strategic-interests>. Acesso em 06 de setembro de 2021.

KHALIL, Ahmad Bilal. Afghanistan and the Shanghai Cooperation Organization. **The Diplomat**, 14 de julho de 2021. Disponível em: <https://thediplomat.com/2021/07/afghanistan-and-the-shanghai-cooperation-organization/>. Acesso em 21 de agosto de 2021.

KORYBKO, Andrew. Qatar & The Taliban: How to Explain Doha's Growing Role in Afghanistan? **South 24**, 15 de setembro de 2021. Disponível em: <https://south24.net/news/newse.php?nid=2070&fbclid=IwAR0MhZzgwV7WVt28dN8K7vj7y41hkd6nMDj65hJ8WdAswv5Grlf9SDz8UXYhttps://south24.net/news/newse.php?nid=2070&fbclid=IwAR0MhZzgwV7WVt28dN8K7vj7y41hkd6nMDj65hJ8WdAswv5Grlf9SDz8UXY>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

MACGILLIVRAY, Iain. Turbulence, the Taliban, and Turkey's role in Afghanistan's future. **The Interpreter**, 6 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/turbulence-taliban-and-turkey-s-role-afghanistan-s-future>. Acesso em 09 de setembro de 2021.

MILLER, Manjari C. Pakistan's Support for the Taliban: What to Know. **Council on Foreign Relations**, 2021. Disponível em: <https://www.cfr.org/article/pakistans-support-taliban-what-know>. Acesso em 1 de setembro de 2021.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. NATO Mission Iraq. **NATO** 2021a. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_166936.html](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_166936.html). Acesso em 10 de setembro de 2021.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. Resolute Support Mission in Afghanistan (2015-2021). **NATO** 2021b. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_113694.html](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_113694.html). Acesso em 10 de setembro de 2021.

OLMO, Guilherme. O que é o acordo entre Trump e o Talebã que foi chave para volta do grupo ao poder. **BBC**, 18 de agosto de 2021. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58252774>. Acesso em 22 de agosto de 2021.

PICCOLLI, Larlecianne; DALL'AGNOI, Augusto César; PEREIRA, Tito Barcellos. Documentos de Política Externa e de Segurança da Federação Russa após 2014: principais mudanças e implicações. **Mural Internacional**, v. 9, n. 1, jan-jun. 2018, p. 69-84.

REUTERS. China's Wang says world should support Afghanistan, not pressure it. **Reuters**, 19 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/asia-pacific/senior-chinese-diplomat-says-afghanistan-should-not-be-geopolitical-battleground-2021-08-19/>. Acesso em 22 de agosto de 2021.

SAFI, Marian; ALIZADA, Bismillah. Integrating Afghanistan into the Belt and Road Initiative: Review, Analysis and Prospects. **Friedrich-Ebert-Stiftung**, 2018. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/kabul/15587.pdf>. Acesso em 05 de setembro de 2021.

SHAMS, Shamil. Por que as forças afegãs cederam tão fácil aos talibãs. **Deutsche Welle**, 18 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-as-for%C3%A7as-afeg%C3%A3s-cederam-t%C3%A3o-f%C3%A1cil-aos-talib%C3%A3s/a-58895426>. Acesso em 22 de agosto de 2021.

SHANGAI COOPERATION ORGANIZATION. Declaration of Shanghai Cooperation Organization. **SCO**, 2021. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/ce/cetur/eng/zt/shhzzz/t162011.htm>. Acesso em 21 de agosto de 2021.

STOLBERG, Sheryl Gay; YARDLEY, Jim. Countering China, Obama Backs India for U.N. Council. **New York Times**, 8 de novembro de 2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/11/09/world/asia/09prexy.html>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

TASS. Russian, Tajik, Uzbek troops to practice fighting terrorists in drills near Afghan border. **TASS**, 28 de julho de 2021. Disponível em: <https://tass.com/defense/1320423>. Acesso em 29 de julho de 2021.

TEIXEIRA, V. M. A difusão das organizações de cooperação em defesa no mundo. In: Aldomar Arnaldo Ruckert; Augusto César Pinheiro da Silva, Gutemberg de Vilhena Silva (Orgs.). A integração sul-americana e a inserção das regiões periféricas. II Congresso de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território. Porto Alegre: Letra 1, 2018, p. 114-130.

TEIXEIRA, V. M. **Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa**. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020a. v. 1, 394p.

TEIXEIRA, V. M. S-300: a arma de negação da Geopolítica. **Revista de Geopolítica**, v. 11, p. 11-27, 2020b.

WINTOUR, Patrick. Gulf plunged into diplomatic crisis as countries cut ties with Qatar. **The Guardian**, 05 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jun/05/saudi-arabia-and-bahrain-break-diplomatic-ties-with-qatar-over-terrorism>. Acesso em 29 de agosto de 2021.

WU, Junfel. Will “SCO Become Another Warsaw Pact?” **Economic and Political Weekly**, vol. 40, n. 39, 2005.

*Recebido em Set. 2021.*

*Publicado em Dez. 2021.*